

# PODER E TEMPO MUNDIAL

**HISTÓRIAS, CONJECTURAS E  
EIXOS PROBLEMÁTICOS**

Silvério da Rocha-Cunha  
Maria de Deus Manso  
(Coords.)

**hmn**



## Índice

- 7 Nota prévia
- 11 Poder, família, escravidão: o intrincado caso da liberta Lauriana Rodrigues no sertão da capitania de Pernambuco, América portuguesa, em meados do século XVIII  
*Alexandre Bittencourt Leite Marques*
- 39 Poder de Estado e relações internacionais: a pendular condução da diplomacia brasileira  
*Belarmino de Jesus Souza*
- 69 Frei Roberto de Jesus, um qualificador inquisitorial na Bahia Colonial: memória e poder eclesialístico  
*Gracye Mayre Bonfim Souza*
- 81 Ser mulher nos Bijagós: jogos de poder, igualdade ou super(in)ferioridade?  
*Joseph Abraham Levi*
- 103 Poder, sociedade e práticas caritativas nas áreas de mineração da América portuguesa no século XVIII: as irmandades das Almas nas vezes da Misericórdia  
*Manoela Vieira Alves de Araújo*
- 125 Ausências de identidades num mundo em fragmentação?  
*Marco António Baptista Martins*
- 139 Tempo Mundial e Democracia: três conjecturas sobre uma composição improvável  
*Silvério da Rocha-Cunha*

### PODER E TEMPO MUNDIAL: Histórias, Conjecturas e Eixos Problemáticos

Coordenação: Silvério da Rocha-Cunha  
Mária de Deus Manso

Capa: Sal Design Studio

© 2019, Autores e Edições Húmus

Edições Húmus, Lda., 2019  
End. Postal: Apartado 7081  
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão  
Tel. 926 375 305  
humus@humus.com.pt  
ISBN: 978-989-755-406-3

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão  
1.ª edição: Abril de 2019  
Depósito Legal n.º: 454976/19

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/CPO/00758/2013

## Nota prévia

Vivemos um tempo de rutura, embora não possamos deixar de considerar as longas durações, os ciclos longos, que historiadores como Braudel tão bem explicaram em obras fundamentais.

Mas, porque vivemos tempos de rutura, vivemos igualmente acontecimentos que constituem como pontos onde desaguardam processos mais complexos e lentos, por vezes sinuosos, por entre *longs et courts*, como disse Vico, e que pela sua amplitude enquanto acontecimentos nos obrigam a considerar novos tempos, ou a olhar o passado como sendo eras que de algum modo fecharam o seu ciclo. Neste sentido, pode falar-se, como o fizeram Jaspers ou Heisenstadt, de uma "era axial", por exemplo, que pode ter chegado, ou não, ao seu fim.

Que pensar destas conjunções que são igualmente disjunctivas? Se recuarmos na História, até tempos mais recuados, são muitos os episódios que nos reportam para dinâmicas sociais e culturais que se ocasionaram no contexto de uma globalização. O processo de globalização, para alguns designados de mundialização, não é um fenómeno recente e, obviamente, não é apenas ocidental ("globalização" / "ocidentalização"). Além disso, nem todas as mundializações juntaram estes dois processos, como



foi o caso da Europa, particularmente o processo iniciado na Idade Moderna (1415-1789)<sup>[1]</sup>.

Seja como for, e seguindo as reflexões seminais de Zaki Laïdi<sup>[2]</sup>, é provável que o tempo longo e o tempo-acontecimento (e não necessariamente o tempo “acontecimental”) se impliquem mutuamente e, de quando em vez, o *kairós* e o *chronos* se reencontrem através de um acontecimento-ressonância, isto é, de um acontecimento que, pela sua amplitude, confira novo sentido à história líquida dos homens, acordando estes para novas e irreversíveis problemáticas em novas situações. E quem poderá negar que o atual presente de um planeta que é uma “Cidade Terrestre” (René-Jean Dupuy), dominado por uma tecnoeconomia global, a erosão de muitas estruturas tradicionais – como os Estados-nação –, opera recombinações e encadeamentos – como o surgimento, aparentemente súbito, do fundamentalismo islâmico – que nos parecem “impossíveis” há algumas décadas? E quem poderá esquecer que a aceleração do tempo, em grande medida potenciada pelas novas tecnologias, confere prevalência ao tempo sobre o espaço, permitindo o domínio do capitalismo, enquanto sistema, sobre todas as sociedades, numa mutação criativamente destrutiva e imparável que ninguém conhece em toda a sua extensão? Viveremos, todos os humanos do globo, o tempo de Wall Street, ou haverá diferenciações que devem ser respeitadas? E, em caso afirmativo, como?

Os textos que se seguem pretendem interrogar-se sobre a gênese e a estrutura de muitos problemas que atualmente se vivem, como é o caso do fluxo de pessoas (imigrações e migrações, “legais” ou não), mercadorias e informações. Tais temas

são fenômenos que exigem debate por parte dos cientistas sociais, oriundos de diferentes áreas do saber.

De todo o modo, o humano é, nas suas diversas manifestações culturais, presa de interpretações sobre a sua pertença a blocos culturais mais ou menos conectados, mais ou menos homogêneos, e nesse sentido a cultura representa sempre uma forma de politicidade concreta que, por um lado, se particulariza face à complexidade que a rodeia e, por outro lado, propicia a universalização que de algum modo flexibiliza a rigidez dos particularismos identitários. Por isso, é a partir da cultura e das suas heterotopias que se torna possível um diálogo universal que pratica uma constelação de valores que parte da liberdade na – e desde a – cultura. Assim, também estes textos, analisando contextos, identidades, problemas de língua e cultura, são textos sobre o Poder, em torno do qual giram, de múltiplas maneiras, as novas demandas de povos e gentes que antes nunca tiveram uma voz.

Silvério da Rocha-Cunha  
 Maria de Deus Manso

1 S. GRUZINSKI, *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*, tr., Belo Horizonte, Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014, p. 426.

2 Cf. Z. LAÏDI, *Le Temps Mondial*, Bruxelles, Ed. Complexe, 1997; ID., “Le Temps Mondial”, in M.-C. SMOUTS (dir.), *Les Nouvelles relations internationales*, Paris, Presses de Sciences Po, 1998, pp. 181-86.



- Bruno, Giordano, *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- Carron de la Carrière, Guy, *La Diplomatie Économique. Le Diplomatiet et le Marché*. Paris: Economica, 1998.
- Chardin, Pierre Teilhard de, *Le Phénomène Humain*. Paris: Seuil, 2000.
- Cusa, Nicolau de, *A Visão de Deus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
- Descartes, *Les Méditations Métaphysiques*. Paris: Bordas, 1987.
- Gadamer, Hans-Georg, *Truth and Method*. 2ª rev. ed. London, New York: Continuum, 2004.
- Heidegger, Martin, "O Tempo da Imagem no Mundo". In *Caminhos da Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pp. 95-138.
- Holsti, K. J., *International Politics: A Framework for Analysis*. 7ª ed. New Jersey: Prentice-Hall International, 1995.
- Kaplan, Morton A., *System and Process in International Politics*. Rep. New York: Robert E. Krieger Publishing, 1975.
- Macedo, Jorge Borges de, *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força. Estudo de Geopolítica*. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 1987.
- McLuhan, Marshall; Powers, Bruce R., *The Global Village. Transformations in World Life and Media in the 21st Century*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1998.
- Maltez, José Adelino, *Curso de Relações Internacionais*. São João do Estoril: Principia, 2002.
- Moreira, Adriano, *Ciência Política*. Reimp.. Coimbra: Livraria Almedina, 1989.
- Nietzsche, Friedrich, *La Généalogie de la Morale*. Gallimard, Collection Folio, 1989.
- Nogueira, Franco, *Diálogos Interditos. A Política Externa Portuguesa e a Guerra de África*. Lisboa: Ed. Intervenção, 1979. Vol. I.
- Pessoa, Fernando, *A Procura da Verdade Oculta. Textos Filosóficos e Esotéricos*. 8ª ed. Mira-Sintra: Publicações Europa América, 1989.
- Valadier, Paul, *A Anarquia dos Valores. Será o Relativismo Fatal?* Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- Wittgenstein, Ludwig, "Tractatus Logico-Philosophicus". In Wittgenstein, Ludwig *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, pp. 25-158.

## Tempo Mundial e Democracia: três conjecturas sobre uma composição improvável

Silvério da Rocha-Cunhá

I — Mudança e permanência, eis duas ideias que parecem, nos tempos de hoje, de difícil articulação. Tema difícil, porquanto tipicamente novo no sentido de moderno. Como já foi notado, o decurso do tempo moderno é estonteante se comparado com a lentidão dos cem mil anos de evolução do Homo Sapiens, da escrita desde há uns seis mil anos, da agricultura com dez mil e obras de arte com trinta mil<sup>[1]</sup>. Mas esta sensação é produto de uma evolução que se estendeu por mais de trezentos anos, caracterizando-se por uma consciência de superioridade relativamente a épocas anteriores, mas igualmente com a "consciência de que a própria modernidade de uma época era o passado de um futuro a chegar"<sup>[2]</sup>, um tempo por completo aberto ao novo e também prospetivista. Esta nova visão do tempo conectou-se, portanto, em termos naturais, com o subjetivismo e a liberdade de consciência moderna, elevando a reflexão e a Razão como absolutos<sup>[3]</sup>. O que teve profundas consequências a partir do momento em que a dinâmica da Revolução Industrial operou

\* Doutor em Teoria Jurídico-Política. Professor Associado com Agregação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora. Membro integrado do Centro de Investigação em Ciência Política.

1 Cf. por todos a obra seminal de M. B. PEREIRA, *Modernidade e Tempo*, in *Obras Completas*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 334 ss., que seguimos.

2 ID., *ibid.*, p. 335.

3 Cf. ID., *ibid.* e também C. TAYLOR, *L'Âge Sécular*, tr. Paris, Ed. du Seuil, 1979, p. 11.



Vivemos um tempo de rutura, embora não possamos deixar de considerar as longas durações, os ciclos longos, que historiadores como Braudel tão bem explicaram em obras fundamentais. Mas, porque vivemos tempos de rutura, vivemos igualmente acontecimentos que constituem como pontos onde desaguam processos mais complexos e lentos, por vezes sinuosos, por entre *corsi* e *ricorsi*, como disse Vico, e que pela sua amplitude enquanto acontecimentos nos obrigam a considerar novos tempos, ou a olhar o passado como sendo eras que de algum modo fecharam o seu ciclo. Neste sentido, pode falar-se, como o fizeram Jaspers ou Eisenstadt, de uma “era axial”, por exemplo, que pode ter chegado, ou não, ao seu fim.

(...) estes textos, analisando contextos, identidades, problemas de língua e cultura, são textos sobre o Poder, em torno do qual giram, de múltiplas maneiras, as novas demandas de povos e gentes que antes nunca tiveram uma voz.

ISBN 978-989-755-406-3



9 789897 554063



Centro de  
Investigação em  
Ciência Política



UNIVERSIDADE DE ÉVORA



Universidade do Minho



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

FCT

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia